

ATENDENDO CRIANÇAS QUE VIVENCIARAM TRAUMAS: A ÁRVORE DA VIDA

DAVID DENBOROUGH

Professor, escritor e editor do Dulwich Centre Publications

NCAZELO NCUBE

Terapeuta narrativa, consultora independente e psicóloga educacional

*Dulwich Centre
www.dulwichcentre.com.au*

Tradução de

ANNA PINHEIRO DE VASCONCELLOS

Recebido em 4 de janeiro de 2011.

Aprovado em 2 de fevereiro de 2011.

* Em novembro de 2005 um grupo do Dulwich Centre viajou para o *Masiye Camp* no Zimbábue a convite do *REPSSI*. *Michael White* e *Shona Russel* treinaram um grupo de conselheiros e agentes psicossociais enquanto *David Denborough* e *Cheryl White* trabalharam com *Ncazelo Ncube* para redesenhar a abordagem "Árvore da Vida".

** Este capítulo inclui extratos de duas fontes: *Ncube* (2006) e *Denborough* (2008)

WORKING WITH CHILDREN WHO HAVE EXPERIENCED TRAUMA: THE TREE OF LIFE

RESUMO: Este texto descreve como a abordagem "Árvore da Vida" pode ser usada para responder à experiência de crianças vulneráveis. É baseada nos princípios da terapia de narrativa (White, 2007) e utiliza artes visuais como método para uma descrição mais rica. Esta metodologia de narrativa coletiva foi desenvolvida inicialmente em Masiye Camp, no Zimbábue.* Gostaríamos de agradecer às crianças e facilitadores desse campo. Foi seu entusiasmo, dedicação e abertura para experimentar novas coisas que possibilitaram o desenvolvimento desta abordagem.

PALAVRAS-CHAVE: Audiência híbrida, diálogo, colaboração, mediação transformativa reflexiva, facilitador

ABSTRACT: This chapter has described how the 'Tree of Life' approach can be used to respond to the experience of vulnerable children. It is based upon narrative therapy principles (White 2007) and makes use of a visual arts medium as a method for rich description. This collective narrative methodology was initially developed at Masiye Camp in Zimbabwe.* We would like to acknowledge the children and counsellors at this camp. It was their enthusiasm, dedication and openness to trying new things that made the development of this approach possible.

KEYWORDS: Hybrid audience, dialogue, collaboration, transformative mediation, facilitator

Como podemos atender a crianças e jovens que vivenciaram traumas e/ou perdas significativas? Como encorajá-las a contarem suas histórias de maneira que fiquem mais fortes? Este capítulo** descreverá a abordagem "Árvore da vida", uma metodologia de narrativa coletiva que desenvolvemos em resposta a estes desafios. Baseia-se em princípios da terapia narrativa (WHITE, 2007).

Esta metodologia foi originalmente desenvolvida para ser utilizada com crianças vulneráveis na África do Sul, que vivenciaram muitas perdas devido ao HIV/AIDS, e que estão frequentemente em situação de abandono, abuso e/ou violência. Mais recentemente, iniciou-se sua utilização no Canadá, Cingapura, Rússia, Brasil, Nepal, Territórios Palestinos e Austrália. Tem sido utilizada em diferentes contextos incluindo: grupos de crianças refugiadas e imigrantes; crianças de comunidades indígenas; estudantes cujas comunidades sofreram desastres naturais (enchentes); jovens expulsos de escolas; crianças vítimas de violência doméstica, abandono, abuso físico e emocional dentro da família.

Curiosamente, praticantes da Árvore da Vida a acharam muito útil em seu trabalho com adultos, incluindo: jovens mães, pais de crianças com necessidades especiais, adultos que tiveram os filhos afastados de seus cuidados e tentam mudar para ter o direito de ter os filhos de volta, idosos, grupos de homens com diagnóstico de doença mental. No final deste capítulo, discutiremos como a metodologia da Árvore da Vida pode ser usada como ponto inicial de abordagem num grupo comunitário mais amplo.

A metodologia *Árvore da Vida* assegura que as crianças tenham um território de identidade seguro onde se firmar antes de expor as dificuldades de suas vidas. O processo se divide em quatro partes:

- *Parte I: Árvore da Vida*
- *Parte II: Floresta da vida*
- *Parte III: Quando a tempestade chega*
- *Parte IV: Certificado e Música*

O objetivo das duas primeiras partes deste processo (“*Árvore da Vida*” e “*Floresta da Vida*”) é construir e reconhecer “uma segunda história” da vida de cada criança. Esta segunda história consiste em capacidades, habilidades, esperanças e sonhos de cada criança e suas histórias. O objetivo da parte três (“*Quando a tempestade chega*”) é habilitar a criança para falar sobre as dificuldades ou sofrimentos que tem vivido e também identificar como os tem enfrentado. O objetivo da parte quatro (*Certificado e Música*) é garantir que as crianças partam com um rico conhecimento de suas capacidades, habilidades e vínculos com adultos significativos em suas vidas.

Este processo deve ser realizado com grupos de crianças. As crianças são convidadas a desenharem sua própria “*Árvore da Vida*” na qual cada parte da árvore simboliza aspectos particulares de suas vidas e comunidades.

PARTE I: DESENHANDO A ÁRVORE DA VIDA

Raízes da Árvore: Herança

As raízes da árvore são um estímulo para as crianças falarem sobre:

de onde vêm (por ex. bairro, cidade, país); a história de suas famílias (origens, nome de família, ancestrais, família extensa); aqueles que lhes ensinaram a maioria das coisas; seu lugar favorito em casa; e uma música ou dança do seu lugar de origem.

Terreno: O presente

O chão representa o lugar onde a criança vive no momento; e algumas atividades diárias que fazem parte de sua rotina.

Tronco da Árvore: capacidades, habilidades, valores

Quando o foco é o tronco da árvore surge uma oportunidade para as crianças falarem sobre algumas de suas capacidades, habilidades e/ou valores e os representarem em desenhos. Isto inclui: capacidades que ficaram visíveis quando a criança falava sobre sua rotina; ou as que demonstrou ter em outros aspectos de sua vida.

Em alguns contextos, perguntar às pessoas sobre suas próprias capacidades e habilidades pode ser inútil – pode ser um contexto onde capacidades e habilidades geralmente não são vistas como características individuais, ou pode não ser apropriado “falar de si mesmo” na frente de outros, ou pode ser ainda que as capacidades e habilidades não sejam visíveis para a própria pessoa. Nestas circunstâncias, existe um elenco de opções para os facilitadores.

Primeiramente, deve ser muito mais fácil para a criança identificar habilidades e capacidades dos outros do que as

suas próprias. Pode-se então pedir que as crianças troquem sugestões entre si e escolham, dentre essas sugestões, quais seriam as que gostariam de incluir no tronco da sua árvore. Em segundo lugar, pode ser mais apropriado que capacidades e habilidades coletivas sejam listadas no tronco – podem ser habilidades demonstradas pela criança em conjunto com outras, capacidade de trabalho em grupo e assim por diante. Em terceiro lugar, é possível pedir às crianças que falem não apenas sobre capacidades e habilidades, mas também sobre valores que são importantes para elas ou qualidades que gostariam de ter na vida. Estes valores e qualidades podem ser gravados no tronco da árvore. A história de sua relação com tais valores ou qualidades pode também, de alguma forma, ser rastreada e registrada no tronco.

Galhos da Árvore: Expectativas e Sonhos

Os galhos da árvore representam expectativas, sonhos e desejos que a criança tem na vida. Enquanto desenha os galhos, os facilitadores podem fazer perguntas para conhecer sobre a história de tais expectativas, desejos e sonhos, e entender como se conectam com pessoas/adultos significativos da antiga vida da criança em sua casa. Quando o facilitador conseguir ouvir desde quando estas expectativas e desejos estão presentes na vida da criança, poderá também perguntar como ela conseguiu manter tais sonhos e o que sustentou suas esperanças.

Também é possível perguntar às crianças quais são as suas esperanças para a vida de outras crianças, jovens, adultos e para a sua comunidade.

Folhas da Árvore: Pessoas especiais na vida

As folhas da árvore representam pessoas que são importantes para a criança. O facilitador deve deixar claro que são pessoas vivas ou que já morreram – só porque morreram não quer dizer que ainda não possam ser muito importante para nós. O facilitador pode perguntar por que estas pessoas em particular são as mais especiais para ela. Se, em qualquer momento durante este processo, a criança se refere a pessoas que já morreram demonstrando tristeza, o facilitador poderá fazer as seguintes perguntas:

- você passou momentos agradáveis com ela?
- o que ela tinha de especial para você?
- esta pessoa gostaria que você se lembrasse dela desse modo?

Estas perguntas convidam a criança a contar histórias sobre o que foi importante no relacionamento com esta pessoa. Isto contribui para honrar essa relação. Também poderá conduzir a histórias sobre como a criança continua a pensar e a lembrar dos que já morreram.

Também é possível para a criança incluir animais de estimação, amigos imaginários e personagens de histórias nas folhas de sua árvore.

Frutos: Presentes recebidos

Os frutos representam presentes que as crianças receberam. Não precisam ser presentes materiais, mas também demonstrações de carinho,

cuidado ou amor. O facilitador poderá perguntar:

- por que acha que esta pessoa lhe deu isto?
- o que gostaram em você que as levaram a fazer isto?
- como você acha que contribuiu para sua vida?

Se a criança tiver dificuldade para identificar qualquer presente, o facilitador poderá usar os dados anteriores no exercício da “Árvore da Vida”.

Sementes e Flores: Contribuições da Criança

As sementes ou flores da árvore são também um estímulo para as crianças pensarem sobre as contribuições ou presentes que gostariam de oferecer aos outros no futuro.

Quando *Anne Mead* faz a facilitação da “Árvore da Vida” nas comunidades aborígenes com as quais trabalha na Austrália, ela pede às crianças para pensarem sobre o que fariam para ajudar a comunidade tornando-a mais segura para as crianças mais jovens que elas. Assim ela descreve:

“Crianças aborígenes frequentemente cuidam de crianças mais jovens que elas e se preocupam com outras pessoas, especialmente com as mais velhas. Para reconhecer estas contribuições, sugiro que as crianças acrescentem símbolos às suas árvores, tais como pássaros voando ou no ninho, sol e nuvens, flores, etc. para mostrar como pensam que contribuem ou poderão contribuir para a comunidade e suas famílias. No final temos imagens de aviões, pássaros, borboletas, nuvens, sol, montanhas e flores,

tudo representando as contribuições que as crianças dão para suas comunidades visando à proteção e ao cuidado com os mais jovens.

As representações infantis incluem: “cuidado com os mais jovens”, “preocupação com os mais velhos”, “busca de alimento para alguém”, “cuidar de irmãos mais jovens”, “segurança para os irmãos”, assim como formas como cuidam de si mesmos: “não tomar bebidas alcoólicas/ou usar drogas” e “não brigar”.

PARTE II: A FLORESTA DA VIDA

A segunda parte deste processo envolve o movimento da metáfora individual para uma coletiva: das árvores para a floresta. *Ncazelo Ncube* descreve a criação da Floresta da Vida no *Soweto-Jabavu, África do Sul*:

“Quando as crianças terminaram o desenho das árvores, pedi que o colassem numa das paredes. Isto criou uma floresta de lindas árvores. Chamamos alguns voluntários para contar a história das suas árvores diante do grupo. Muitas mãos se levantaram em resposta a esse convite. O entusiasmo das crianças foi muito significativo para mim. Usualmente, em processos de aconselhamento em grupo, é uma batalha conseguir que as crianças falem e troquem suas experiências umas com as outras. É compreensível que expor histórias dolorosas, com culpa e vergonha, não seja tão excitante quanto falar de coisas das quais nos orgulhamos. Os voluntários que vieram à frente estavam felizes por contar a história de suas árvores e, também, de ensinar ao grupo suas canções favoritas.

Assim que cada criança falava, nos inteirávamos de suas esperanças e sonhos.

Ao longo de suas apresentações, fiz várias perguntas sobre as histórias de suas esperanças e sonhos que estavam expressos, como as crianças fizeram para manter estes desejos e quem mais na família e nas suas vidas sabiam ou souberam a respeito deles. Ouvimos respostas muito emocionantes.

Com as “Árvores da Vida” colocadas lado a lado passamos algum tempo refletindo sobre esta floresta de lindas árvores, de variadas formas e tamanhos. Sentamos juntos para apreciar nossa floresta. Neste ponto, chamei atenção para as raízes fortes e firmes que nós todos possuíamos. Também ressaltai os sonhos e projetos que temos para nossas vidas. Falei sobre as pessoas com as quais estamos conectados que nos ensinaram muitas coisas na vida, e que ainda continuam a se preocupar e nos ajudar de alguma forma. Dei como exemplo algumas pessoas citadas pelas crianças incluindo pais, amigos, pastores de igrejas, conselheiros comunitários e assistentes sociais, professores, avós, irmãos e outros parentes. Durante esse recontar, também soube que algumas destas pessoas tão preciosas haviam morrido, mas que ainda são lembradas amorosamente pelas coisas tão significativas que fizeram. Ressaltei como o relacionamento com elas ainda nos ajuda na vida de muitas formas.

Depois, conversamos sobre as árvores da nossa floresta. Discutimos o que as árvores tinham em comum e também as diferenças entre elas. Isto nos levou a conversar sobre o que as crianças e adultos do grupo tinham em comum e de como apoiamos uns aos outros enquanto árvores da mesma floresta. Neste ponto o clima do grupo era muito leve, caloroso e amigável, com muitas demonstrações de alegria.

Pausa para chá, antes de continuarmos o exercício.

PARTE III: QUANDO CHEGA A TEMPESTADE

Na terceira parte convidamos as crianças a falarem sobre alguns dos riscos que árvores e florestas às vezes enfrentam e também sobre seus efeitos. Ncazelo Ncube descreve este processo:

Iniciei esta parte do exercício dizendo: “Temos lindas árvores com raízes fortes, bonitas folhas e frutos. Embora nossas árvores e florestas sejam tão bonitas, podemos dizer que não sofrem perigo?” Imediatamente, as crianças responderam com um coro de “NÃO”. Então convidei o grupo a dizer quais seriam os perigos potenciais que lindas árvores experimentariam. Elas mencionaram os seguintes perigos: a queimada de árvores, o corte, fazer xixi e chutar as árvores, muita chuva, raios, envelhecimento – árvores podem ficar velhas e morrer, e ficar sem água.

Esta conversa sobre os perigos que árvores e florestas enfrentam permitiu uma entrada segura para uma conversa sobre crianças, os perigos e problemas que elas enfrentam na vida. “Gostaríamos que nossas vidas fossem como estas árvores tão bonitas. Seria correto dizer que, assim como árvores e florestas, as crianças também enfrentam perigos e problemas na vida?” Ouve-se um “SIM” muito alto. Passamos algum tempo nomeando os perigos e problemas que as crianças enfrentam e que incluem: estupro, abuso, abandono, xingamentos, negligência, negar alimento, expulsão de casa, rapto, assassinato, crianças vivendo nas ruas, cheirar cola, crianças que precisam comercializar o corpo sexualmente e crianças que não ouvem os pais e cuidadores. Depois disso, discutimos a duração dos efeitos de tais perigos em suas vidas. As crianças falaram sobre tristeza, abuso

físico e maus-tratos. Elas também falaram de medo e “de peso no coração”. Através desta discussão, fiquei surpreso em como as crianças foram capazes de nomear todos estes problemas e seus efeitos, sem demonstrar vergonha ou algum indício de serem definidas por eles. Esta era uma conversa coletiva. As crianças eram uma única voz. Ficavam solidárias quando falavam de coisas ruins que as pessoas fazem com menores inocentes. Em nenhum momento foram convidadas a falar sobre suas experiências individuais. Surpreendentemente, a energia e entusiasmo com que iniciaram o encontro ficou presente até quando abordamos os reveses. Isto apesar do fato de que ficou muito claro para nós, facilitadores, que algumas das crianças falavam sobre suas próprias experiências. Um menino de doze anos que toma conta de casa e de um irmão de sete anos mencionou o fato que crianças, às vezes, são expulsas de suas casas por parentes e vão viver nas ruas.

Como as crianças respondem às tempestades da vida

Após nomear as tempestades da vida e seus efeitos serem cuidadosamente traçados, perguntamos se as tempestades aconteceram por causa da árvore ou da floresta. Perguntamos se devíamos culpar as árvores ou a floresta pelos riscos que enfrentam: as queimadas, o corte de árvores, urinarem nelas etc. Não foi surpresa ver que elas defendiam as árvores. “NÃO”, disseram. Não é culpa das árvores! Isto nos deu a oportunidade para perguntar se seria ou não culpa das crianças também enfrentarem riscos e dificuldades como as árvores. Outra vez percebemos a solidariedade delas quando gritaram “NÃO”.

Estava interessado em saber o que as crianças fazem quando estes problemas e tempestades aparecem em suas vidas. Existem maneiras de reagir? Existem coisas que possam fazer?

Para possibilitar que as respostas das crianças às tempestades da vida possam ser identificadas e faladas, o facilitador pode iniciar primeiramente a conversa sobre como os animais reagem às tempestades quando estão na floresta. Uma longa lista de como eles reagem poderá ser feita. Isto poderá incluir capacidade de se esconder, de proteger uns aos outros, de voar para longe, fugir, de se entocar fundo no chão, fazer ninhos, se agrupar e assim por diante. As crianças sempre sabem muito sobre estas coisas e os facilitadores podem ajudar, também, dando outras ideias. Identificar e contar como os animais não ficam simplesmente passivos quando a tormenta atinge a floresta, possibilita às crianças examinarem as diferentes formas de não serem passivas diante das dificuldades em suas vidas. Às vezes, elas também sabem como as árvores e florestas se protegem de desastres naturais. Falar disso nesse ponto também ajuda. Uma vez que o facilitador perceba que as crianças estão prontas, pode-se perguntar ao grupo, “Tudo bem, é assim que os animais respondem às catástrofes. Como será que crianças reagem às tormentas em suas vidas? Existem meios para reagir? Elas tentam se proteger e aos outros como fazem os animais?”

É também possível documentar estas ideias das crianças. Abaixo vemos um exemplo de tal documentação da Comunidade Aborígine de Ltyentye Apurte:

Conhecimentos e habilidades de sobrevivência de crianças e jovens.

O nome da nossa comunidade é Ltyentye Apurte, que significa um grupo especial de árvores. Recentemente fizemos nossas Árvores da Vida e conversamos sobre nossas vidas enquanto jovens. Gostamos de árvores e florestas. São fortes e orgulhosas. Mas até mesmo quando são fortes se veem diante de perigos. Por aqui, as árvores têm que lidar com raios, secas/nenhuma chuva, vento, pragas, enchentes, altas temperaturas, ramos quebrados e corte. Existem muitos perigos! E estas coisas não acontecem por causa das árvores.

Também falamos sobre muitos animais diferentes: pássaros, sapos, girinos, cangurus, vacas, lagartos, cobras, camelos e aranhas. Quando o perigo chega, todos os animais tentam permanecer em segurança. Existem muitas coisas que fazem para se proteger. Alguns emitem sons, tocam o alarme e avisam aos outros. Ou correm. Outros ficam muito quietos. Os pássaros fogem ou vão para seus ninhos. Alguns animais se agrupam para ficarem em segurança, se escondem nas árvores, em buracos, em cavernas ou na grama. Outros até mesmo vão para subterrâneos, para colinas, para reservatórios de água ou fogem da floresta. Vão para onde sabem que estarão em segurança. Às vezes, significa mudar para outro lugar, outra floresta. Os animais são espertos e possuem muitos meios para se manterem seguros.

Também falamos sobre como as crianças enfrentam o perigo. Existem muitos perigos que crianças e jovens enfrentam: doenças, mordidas de cobras, cachorros, problemas, atropelamento por carro ou caminhão. Há diabetes, fome, inundações, chuva e frio. E ainda tem abuso, machucados, brigas e implicân-

cia. Meninas mais velhas falaram sobre outros perigos tais como mortes, fofocas, suicídio, autoagressão, álcool, drogas (ecstasy), armas, estupro, gravidez, AIDS, gasolina e de quando os pais vão embora. Assim como árvores e animais, crianças e jovens precisam lidar com muitas coisas difíceis! Às vezes estas coisas provocam insegurança, tristeza, e preocupação. Assim como os animais e árvores, estes acontecimentos não se dão por causa das crianças.

E, assim como animais, as crianças e jovens são espertas. Podemos fazer muitas coisas quando o perigo está por perto. Para nossa segurança, às vezes pedimos socorro, fugimos ou saímos da floresta como os animais fazem. Alguns sobem em árvores ou no telhado da casa para se afastarem do perigo. Ou podemos nos esconder em casa ou fugir para uma colina. Existem mais coisas: estar com uma pessoa que proteja faz diferença, alguém com quem você possa conversar. Alguns procuram abrigo com certas pessoas da família. Podemos ir a um posto médico ou procurar uma patrulha noturna, uma enfermeira, um professor, o diretor ou a polícia. Podemos procurar um cuidador. Outras vezes a criança senta quieta e pensa sobre qual é o perigo ou vai andar um pouco. Existem coisas práticas que também ajudam na segurança como usar cinto de segurança. E se as coisas estão realmente muito ruins devemos ir para outra comunidade por um tempo. Assim como os animais, crianças e jovens são espertos. Existem muitas coisas que podemos fazer para ficarmos seguros quando a tempestade chega.

E quando o perigo se for? E quando a tempestade passar? Bem, isso é quando ficamos felizes e continuamos com a vida. E, porque aprendemos sobre os perigos, somos cuidadosos, tomamos conta de nós mesmos e dos outros. Tomamos

conta das árvores e florestas da vida e fazemos outras pessoas felizes.

Se fizer a sua Árvore da Vida, se fizer uma floresta, gostaríamos de saber. Acha que poderíamos trocar histórias? Gostaríamos de ver fotos das suas árvores!

PARTE IV: CELEBRAÇÃO

A parte final do processo é a celebração de tudo que as crianças conquistaram e inclui certificados, premiação e escrever uma carta para os cuidadores.

Escrevendo uma carta para os cuidadores

Existe sempre um abismo entre o que a criança viveu durante a permanência nos grupos de apoio e o contexto de suas casas e comunidades. É um grande desafio pensar em como reagir quando elas estão de volta para um contexto onde existe um grande risco de abuso. Também é um desafio assegurar que o trabalho realizado por nós com as crianças não os afasta de nenhum modo de suas famílias e parentes.

Gostaríamos de encontrar maneiras de incluir e envolver as pessoas que cuidam das crianças no nosso trabalho e estender este apoio às famílias. Passamos algum tempo pensando em como habilitar as crianças a compartilharem sua experiência da Árvore da vida com os cuidadores e famílias. Decidimos dar-lhes uma oportunidade, no final do dia, para escrever uma carta sobre sua experiência com o exercício, o que poderia ser o momento para que falassem sobre o que valorizam em suas vidas no contexto de suas famílias. Também pensamos que poderia ser uma maneira

de as crianças agradecerem e apreciar o apoio que receberam, realimentando esses cuidadores.

Pedimos que elas identificassem quem seria a pessoa que se importava com elas, para a qual gostariam de escrever. Então estimulamos as crianças a incluir no seu relato descrições de valores, habilidades, esperanças e sonhos sobre os quais falaram durante o dia. Também estimulamos a reflexão sobre a contribuição desse cuidador para sua vida, e que lhe fizessem um convite para visitar o grupo de apoio quando tiver tempo para tal.



Por ocasião do emprego da “Árvore da Vida” em Soweto-Jabavu, África do Sul, como muitos dos cuidadores destas crianças eram analfabetos, Ncazelo ressaltou que seria útil e respeitoso se elas pudessem ler suas cartas para eles.

Kennedy deu permissão a Ncazelo para publicar a carta que escreveu para sua avó.

Querida Gogo (Vovó)

Hoje fizemos uma coisa muito legal.

É chamada a Árvore da Vida. Na árvore eu disse que queria ser mecânico quando crescesse.

Você sabe que gosto de consertar coisas, como naquele dia de segunda-feira em que consertei o “ty” que não estava funcionando. Quando for mecânico, serei como meu pai, porque ele gostava de consertar luzes. Gogo, eu quero crescer e ser forte para tomar conta de você e da Sandie. Obrigada pelo novo uniforme que comprou para mim e as coisas boas que sempre tem para nós. Você é boa e especial. Convido você para o grupo de apoio.

*De
Kennedy.*

Encontros Ampliados em Comunidades

Reconhecimento entre gerações

Recentemente, um grupo de jovens meninas de uma comunidade aborígene Australiana criou suas Árvores da Vida e mostrou-as num ritual para mulheres mais velhas da mesma comunidade. Estas senhoras ficaram comovidas ao verem como as habilidades das jovens estavam ligadas com sua cultura e história coletiva. As mulheres ficaram tão inspiradas que resolveram fazer as suas próprias árvores e florestas e depois mostrar para as jovens!

Assim, fazer com que as crianças participem da metodologia “Árvore da Vida” pode ser somente o começo. A partir daí é possível facilitar rituais que envolvam reconhecimentos e homenagens intergeracionais. Ao longo do caminho, diferentes relacionamentos poderão ser reautorizados:

- Acima de tudo, o relacionamento entre os jovens e os adultos significativos em suas vidas é descrito com mais riqueza. Quando os jovens nomeiam e incluem as figuras significativas na sua árvore, homenageiam suas contribuições, escrevem cartas

para elas e isto enriquece o significado destes relacionamentos.

- Em segundo lugar, quando os jovens têm a oportunidade de compartilhar através de conversas coletivas as maneiras como reagem às “tormentas da vida”, criam a oportunidade de se conhecerem de uma maneira diferente.
- Além disso, relacionamentos entre gerações podem ser conhecidos com mais riqueza. Depois que os jovens traçam e homenageiam a história de suas habilidades e conhecimentos, torna-se possível para a geração mais velha testemunhar e se orgulhar de suas contribuições. Isto também possibilita que a mesma identifique como os jovens estão dando continuidade ao seu legado, do seu próprio modo.

Esta reautorização de relacionamentos através de gerações não é um processo romântico. Não diminui a extensão das dificuldades que a comunidade possa estar enfrentando e não nega o conflito ou danos entre as gerações. Em muitas comunidades que viveram um trauma coletivo longo, o relacionamento entre gerações pode estar extremamente desgastado. A geração mais velha pode estar desesperançada porque os jovens desertaram dos “modos antigos”, enquanto que os jovens podem estar desencantados com as soluções “antiquadas” que são oferecidas pelos mais velhos. Este contexto leva à interações degradantes entre gerações. Depois da vivência de um trauma coletivo, frequentemente há poucas oportunidades para um mútuo reconhecimento significativo entre gerações. A metodologia da “Árvore da Vida” poderá oferecer tal oportunidade.

Considerações sobre a proteção da criança

A metodologia da “Árvore da Vida” poderá ser também um início para ações e troca de ideias na comunidade sobre o que é comumente chamado de “*proteção da criança*”. Em muitos contextos, as crianças estão envolvidas em sessões educacionais sobre “*comportamentos de proteção*”, explicações dos adultos sobre abuso e violência, através das quais crianças e jovens são aconselhados sobre vários “comportamentos protetores” que podem minimizar o risco de danos. O processo da “Árvore da Vida” pode oferecer um ponto de partida alternativo para estas considerações, já que habilita a criança a nomear por si mesma os perigos dentro do contexto local, mostrando também como reagem. Estas conversas coletivas podem fornecer informações vitais aos trabalhadores, não só sobre o risco enfrentado pelos jovens, mas sobre os “comportamentos de proteção” já adotados. Com este conhecimento, trabalhadores (e/ou adultos significativos na comunidade) podem tomar providências para apoiar esforços e ações já colocados em prática.

Além disso, as palavras e histórias coletivas dos jovens podem então ser apresentadas em fóruns comunitários para despertar a atenção para problemas que as crianças enfrentam e criar oportunidades de uma mudança mais ampla. Por exemplo, um grupo de jovens de uma comunidade Aborígine Australiana, em processo de criação da sua “Árvore da Vida”, descreveu: “as coisas que fazemos e podemos fazer para tornar nossa comunidade mais segura para nós” e “as coisas que os mais velhos fazem e podem fazer para tornar a comunida-

de mais segura para nós”. Isto foi lido para as mulheres mais velhas que, por sua vez, levaram para uma audiência mais ampla, em uma marcha pública contra violência e abuso.

De muitas formas a metodologia da “Árvore da Vida” pode contribuir para o fortalecimento de crianças vulneráveis e também conduzir a uma ação social local baseada no conhecimento das crianças. Esta combinação de resposta à experiência pessoal e coletiva das crianças e de encontrar meios pelos quais os conhecimentos delas cheguem até a comunidade mais ampla, desencadeando uma ação social em torno da preocupação com a proteção da criança, é algo que estamos ansiosos por explorar mais ainda no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DENBOROUGH, D.** *Collective Narrative Practice: Responding to individuals, groups and Communities Who have experienced hardship*. Adelaide: Dulwich Centre Publications, 2008.
- NCUBE, N.** The Tree of Life Project: Using narrative ideas in work with vulnerable children in South Africa. *International Journal of Narrative Therapy and Community Work* 1:3-16, 2006.
- WHITE, M.** *Maps of Narrative Practice*. Nova York: W.W. Norton, 2007.